

MANIA - NEGAÇÃO DE DIONISO

(Uma perspectiva psicopatológica - Psicologia Arquetípica)

Rosa Maria Carollo Blanco

em colaboração com

Ajax Perez Salvador

e *Maria Tereza C. Iguacel*

O DSM-4 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) começa a descrição do episódio maníaco como um estado de humor anormal e persistentemente elevado, expansivo ou irritável. ... inclui auto estima inflada ou grandiosidade, necessidade de sono diminuída - o indivíduo sente-se descansado depois de 3 horas de sono; pressão por falar - mais loquaz do que o habitual; fuga de idéias - isto é, atenção desviada com excessiva facilidade por estímulos externos insignificantes ou irrelevantes; maior envolvimento em atividades dirigidas a objetos ou agitação psicomotora e envolvimento excessivo em atividades prazerosas com alto potencial para consequências dolorosas - por exemplo, envolvimento em surtos de compras mesmo não tendo dinheiro para pagar, indiscriminação na atividade sexual ou investimentos financeiros tolos.

O restante da descrição se atém ao detalhamento do quadro clínico para balizar o trabalho diagnóstico.

Os *Études Psychiatriques* apresentam um outro olhar para o episó-

dio maníaco. As preocupações do psiquiatra Binswanger vão além das descrições específicas clínico-médicas para colocar a mania como *uma estrutura problemática da existência* para aprofundar-se no estudo da *consciência maníaca* ou *do mundo maníaco*, isto é, “este achado da consciência que perturba radicalmente as referências entre o MIM e o Mundo vistos na expansividade da consciência maníaca”.

A mania é uma forma de existência improblematizada ... Não se trata de um acontecimento, por assim dizer, ocasional mas, de uma alteridade ... do acontecimento. Sem dúvida, todos os indivíduos [maníacos] estão doentes em suas individuações, mas aqui trata-se de uma não pertinência radical a nosso mundo. Não se trata de se perguntar o porquê do nosso doente se excitar tanto por tão pouca coisa mas, de se perguntar em que mundo ele vive. é a categoria de significação, ... da visão, ... e da visão temporal e propriamente pessoal que nos importa. Zangar-se é um problema que toca, ao mesmo tempo, a intencionalidade, a temporalidade e a espacialização da existência.

[A mania] é o movimento no presente ... e o movimento no presente é a dança. ... é um modo de existência essencialmente momentâneo. Comporta em si, a alegria - não de um triunfo procurado (como na escalada de uma montanha) - mas, de uma supressão do peso, como se o movimento vital que o anima se operasse não mais na horizontalidade mas, na verticalidade do espaço. ...

O conjunto da estrutura maníaca comporta, ao mesmo tempo, a vitória e o triunfo e a dança constitui um aspecto essencial desta ardente

festividade. ... O <<Desein>> da alegria estética com sua fisionomia de festividade não somente estrangeira mas, intrinsecamente hostil aos valores culturais é o fundo da mania, de sua festividade e, também, da instabilidade maníaca.

O otimismo é um tipo de pensamento e um modo de existência que, na doença, permite pegar todas as coisas do lado bom, sob o ângulo da facilidade. Trata-se de uma espécie de otimismo que lhe confere as qualidades de colorido, de leveza, de 'roseidade'. Este mundo otimista não conhece nenhuma dificuldade; tudo é fácil, tudo vai por si, a realidade não é mais dura mas, torna-se um verdadeiro mar de rosas. O verossímil e o real se confundem no meio e o mundo temporo-espacial é sem limites, de um horizonte infinito e eterno. Este mundo é o contrário do estreito, é espaçoso e brilhante. Há sempre muito tempo e espaço para conseguir chegar aos objetivos. A possibilidade de transformação e metamorfose, a fusão e a fluidez das perspectivas do mundo do otimismo podem designar-se com uma só palavra: volatilidade - volatilidade sem peso, sem resistência, que permite escorregar, nadar, voar num meio transparente fácil e elástico. O mundo interior e o mundo da realidade coexistem, então, quase inteiramente. O cérebro não é mais tão estreito para o mundo nem o mundo para o cérebro. ... O pensamento e a ação se identificam no próprio ato de *toda potência*, ...

Desta coincidência dos dois mundos - o do pensamento e o da realidade - decorre o desnivelamento lógico que uniformiza as possibilidades, faz cair as barreiras, os limites e as dificuldades inerentes ao pensamento racional. ... É um pensamento sem sombras, claro, leve, infinito,

inexpugnável. Mas o essencial é saber como se constituem a temporalidade e a historicidade desta existência, ao contrário do homem normal que, mesmo enquanto se abandona à sua imaginação, não deixa jamais de poder se retomar desta modalidade de fantasia. Não há, propriamente falando, mais nenhuma historicidade. O maníaco vive, com efeito, num pulo contínuo, as posições momentâneas da trajetória de sua história vivida e, para acordar deste sonho, ele deve se libertar. Todo o problema consiste em se perguntar agora que relações há, precisamente, entre MIM sem historicidade da confusão maníaca e o MIM que é aquele da trajetória interna da pessoa. (Trechos retirados de Manie, étude n.21 dos Études Psychyatriques, vol III, pp70 a 89, Ed Desclées de Brouwer, Paris, 1954).

MANIA E O MUNDO DE DIONISO

Ao abordar o quadro maníaco voltamo-nos para uma outra maneira possível, que James Hillman nos propõe: "*re-imaginar* a psicopatologia examinando o comportamento com olhos míticos e escutando os relatos como histórias. ... A mitologia clássica é uma coleção de famílias de histórias inter-relacionadas, com detalhes muito precisos mas, *sem sistematização esquemática*, seja nas histórias avulsas, seja nas histórias enquanto conjunto. A psicopatologia também é uma família de problemas inter-relacionados, precisos no detalhe, ainda que não possam ser sistematizados. Os Deuses, como os sofrimentos da alma, fundem-se uns com os outros. ... A mitologia nos mostra que cada dificuldade pode pertencer a vários Deuses e ser fantasiada de várias maneiras. ... O mito é a descrição de um processo; ele é o próprio processo. Ele se desenrola, se

move e, em seus vários pontos de conexão, apresenta várias possibilidades que, por sua vez, levam a outros mitemas. Sua estrutura é dramática; os mitos se explicam a si mesmos.”

Re-imaginar a mania, voltando-nos para a própria história de seu aparecimento e para Dioniso, o primeiro ser a contrair a doença. Não se trata de uma busca das origens nem de tentar fazer da mitologia uma nova psicopatologia, mas procurar uma aproximação com esta manifestação psíquica através destes “invisíveis ocultos que são as divindades, ... o fundamento de nossas fantasias”. Encarar os Deuses como “verdadeiras ontologias psicológicas” e acompanhar suas histórias como imagens que falam diretamente à alma e compõem nossos dramas mais que humanos.

Os mitos são as bases da psicologia arquetípica; são descrições dramáticas, na linguagem personificada dos processos psíquicos. “Além dos seus dramas, os mitos são dinâmicos, obrigando efetivamente a personalidade a afastar-se da fixação em si mesma, de seus problemas isolados e dos ‘como’ desesperado das soluções imediatistas. Além de fornecerem um fundo genericamente humano para a dificuldade particular e pessoal descobrimos que os arquétipos, em um mito, são os fatores responsáveis pelo arranjo do padrão particular em que a pessoa se encontra. De modo que, para se compreender a dificuldade da pessoa deve-se buscar o padrão mítico, pois suas personalidades míticas (as figuras arquetípicas) e seus comportamentos fornecem indícios do que está acontecendo em nosso comportamento. O contexto último da personalidade são os mitos que ela está vivendo”. (Hillman, 1978, p 204)

Ao tomarmos os quadros da psicopatologia buscando qual é o Deus da doença, estamos nos reportando ao que havia de mais fundamental na proposta clínica de Jung quando propunha, através da hipótese do inconsciente coletivo, que *todas as pessoas podem se comunicar neste nível humano comum* e que conhecer a personalidade individual significa conhecer suas variações em relação ao contexto coletivo. *Os desvios tornaram-se, assim, as pistas para a essência da individualidade*. O coletivo não é apenas o interior ou o exterior, o subjetivo ou o objetivo. É ambos. A adaptação significa não a destruição da individualidade mas sim a inovação da coletividade. Viver uma vocação coletiva de uma maneira individual é precisamente o caminho a ser seguido para preencher os padrões do mito de cada um. (Hillman, 1978, p 203)

Jung referia-se aos conflitos interiores também em termos de drama. *Se a estrutura psíquica é fundamentalmente um processo dramático então toda a história da vida de uma pessoa é uma história e a personalidade não pode ser apreendida de modo mais preciso do que sob a forma de narrativa*. (Hillman)

Mania pode ser descrita como uma epidemia de danças convulsivas, parecida com a dança de S. Guido (maniké-koreia). Epidemia, para os gregos, é um vocábulo da teofania; é um termo técnico usado quando se trata dos deuses. As *epidemias* são sacrifícios oferecidos às potências divinas. Quando estas descem à terra, quando vão a um santuário, quando assistem a uma festa ou estão presentes em um sacrifício.

São os deuses migrantes que tem direito às *epidemias*. O deus mais

epidêmico é Dioniso. ...ele é, por excelência, o deus que vem; aparece, manifesta-se, faz-se reconhecer. Epifânico itinerante, Dioniso é encontrado por toda parte, em nenhum lugar está em casa. Há, em Dioniso, uma característica que o afasta de todos os outros deuses de epifanias regulares, programadas, segundo um calendário de festas oficiais. Dioniso chega. Sempre em movimento, forma em perpétua mudança, nunca sabe se será reconhecido, exibido entre cidades e aldeias, **a estranha máscara de uma potência que não se assemelha a nenhuma outra.**

O deus que vem, em geral é muito mal recebido e, ainda por cima, é considerado como estrangeiro que traz consigo o vírus de uma religiosidade selvagem.

Mania, a vingança com que Dioniso pune a todos aqueles que não o reconhecem como deus, é descrita em vários episódios e tragédias. - As cadeias de Mênades caem por si mesmas; as altas muralhas do palácio começam a oscilar, o telhado é tomado por um delírio báquico, põe-se a balançar, a dançar. Por sua vez, Licurgo entra em delírio. Levanta o machado de dois gumes, quer derrubar a vinha, golpear o arbusto trazido pelo Estrangeiro. Turvando sua visão, Dioniso o leva até seu filho, até a criança-vinha aterrorizada que tenta escapar-lhe. Mas, o rei delirante corta os sarmentos e o pé da vinha. Depois que as extremidades da criança foram cuidadosamente cortadas, Dioniso o faz voltar à razão. Assassino de seu próprio filho, Licurgo torna estéril toda a terra à sua volta e os edônios o levaram amarrado. Em meio à paisagem ... o rei culpado é esfaqueado por cavalos selvagens.

A mania, como um estado entre a doença e a infâmia. A loucura dependia da competência do adivinho, do mago e do purificador, segundo técnicas concorrentes ou cumulativas: encantações, ervas medicinais, dança coribante ou sangue purificador derramado sobre a cabeça. Há, no delírio, na mania dionisiaca, uma parte de impureza, **diretamente imputável ao fato de estar fora de si, separado dos outros e de si mesmo. A demência tenebrosa tem um único argumento: a recusa das cerimônias dionisiacas.** Como uma infâmia leva a outra ...entre um homicida e um demente a homologia é grande: a loucura leva ao homicídio, enquanto o assassino é, muitas vezes, considerado como um possuído. Quanto mais se desencadeia a loucura, maior a importância dada à catarse. Dioniso conhece a ambas intimamente.

As mulheres enlouquecidas começam a errar pelos campos. Agora é uma doença que exige um médico, uma infâmia que requer purificação. Depois, a loucura aumenta, estende-se pelo conjunto de mulheres e, sob a forma extrema de infanticídios praticados pelas mães no meio do mato. **Dois graus de loucura em que o segundo encerra o máximo de impureza, com o sangue de um filho derramado pela própria mãe.**

E, aos impuros, Dioniso reserva o pior castigo: o exílio - ser banido da casa de seu pai, arrancado de sua pátria. "Elas deverão deixar a cidade para expiar a infâmia sacrílega para com aqueles que massacraram. Jamais reverão sua pátria, pois a devoção não permite que os assassinos habitem a mesma terra de suas vítimas." (sentença proferida por Dioniso para suas tias, que se negaram a reconhecê-lo como Deus).

E, para Cadmo, (seu avô e fundador de Tebas, cidade natal de Dioniso) é imposto que conduza contra a Grécia, a horda de um exército bárbaro. Mais cruel ainda, Dioniso ordena a Cadmo que se conduza, ele mesmo, como um conquistador bárbaro, destruindo os mais sagrados bens dos gregos: os altares dos deuses e o túmulo dos ancestrais. E, para libertar-se, Cadmo deve ir até o máximo da impiedade, deve cometer o mais alto sacrilégio: pilhar o templo helênico de Apolo, destruir a casa daquele que é, igualmente, o outro grande deus de **Tebas abandonada**.

Utilizando a maneira de escrever de Roberto Calasso, faremos a pergunta: e como foi que tudo começara?

Hera toma Dioniso alvo de seu furor, de sua raiva devoradora. Dioniso entra em mania. A mania o possui, a ele que será o deus que levará os homens à loucura, no mesmo momento em que lhes dá o vinho - bebida inebriante - **quando Dioniso ainda está sob o poder de Hera**. Hera - a demasiado centrada nela mesma. Hera, potência de vingança.

E como foi que tudo começara?

E foi justamente no Heraion (templo de Hera) que teve início a história da primeira traição de Zeus, **origem de todas as vinganças**. Para trair Hera, Zeus escolheu uma de suas sacerdotisas, **o ser humano mais próximo dela**, pois guardava as chaves do santuário: Io. No seu aspecto, nas suas roupas, Io era obrigada a repetir a imagem da deusa a quem servia. Era uma cópia ... Mas Zeus preferiu a cópia, desejou **a diferença mínima que basta para desarticular a ordem para produzir o novo**. E desejou-a *porque* era uma diferença, porque era uma cópia. **Quanto**

mais negligenciável a diferença, maior a vingança.

Todas as outras aventuras de Zeus, todas as outras vinganças de Hera, não passam de renovados impulsos da necessidade que Hera havia acelerado um dia para punir a mulher mais semelhante a ela mesma.

E assim foi com Semele, mãe de Dioniso que morre queimada por astúcias de Hera e, pelo mesmo motivo, se vinga em seu filho impondo-lhe a loucura. A grande obra de Hera, como Senhora do Olimpo, era vingar todos os casamentos de Zeus com as mortais, impedir a união do mundo dos homens com o mundo dos deuses.

A grande obra de Dioniso - atingido pela mania, enlouquecido por Hera, vingando-se da mania sofrida — proporcionar aos homens as cerimônias báquicas, bem como todas as coréias em transe. Nesse mesmo espírito de vingança, concedeu a dádiva do vinho aos homens, um *pharmakon* tão precioso que leva, ao mesmo tempo, iniciação e recreação. Antes dele havia dois mundos: o divino e o humano; duas raças, a dos deuses e a dos homens. Dioniso tende a introduzir aos homens no mundo dos deuses. “O novo licor, talvez fosse mais potente que o pão que Deméter havia revelado aos outros camponeses, porque sabia adormecer e despertar e dissolvia as dores que afligem o ânimo, tornando-as líquidas e fugidias.” Deu aos homens a promessa de uma bebida fermentada com sua loucura ainda não dosada, com seu selvagem poder ainda não domesticado (tanto que só os velhos podem tomá-lo puro; os jovens devem tomá-lo bem misturado e dosado), **o poder do jorro espontâneo** e a volta à cena de um deus afeito a manifestações repentinas e brutais.

Nenhum outro deus tinha em seu poder algo que se aproximasse daquele licor. **Era exatamente isso que faltava à vida, que a vida esperava: a embriaguez.**

O próprio Dioniso vive muito tempo nos limites daquela linha, na parte divina e na parte humana, fomentando a oscilação entre os homens, **aquele sair de si próprios** que parecem apreciar mais do que serem homens, mais do que a vida.

“Quando a vida se inflamava, no desejo ou no sofrimento, ou mesmo na reflexão, os heróis homéricos sabiam que ali havia um deus em ação” ... e Deus, para os gregos, é “tudo aquilo que nos afasta da sensação mediana do viver. Junto a um deus, sempre se chora e se ri”. A vida, como pura continuidade vegetativa, olhar opaco que se detém sobre o mundo, segurança de ser *eu* mesmo, isso não tem necessidade de um deus.

Os antigos davam a Dioniso a forma de touro para exprimir não só a abundância da vida e a fecundidade, como a loucura furiosa. É, antes de tudo, um deus dos excessos, da liberação vertiginosa dos sentimentos; ele pode mostrar aos homens até que extremos pode ir seu amor, seu ódio, sua cólera, sua alegria, seu medo, sua crueldade; **dar-lhes consciência de suas virtualidades. É a visão desse universo, onde o homem poderia revelar-se a si mesmo.** É a necessidade, consciente ou não, dessa visão que solidifica, no coração do homem, a paixão do espetáculo de viver. Porque um dos atributos de Dioniso é o espelho. Este *speculum*, o que permite especular. E *o que reflete o espelho? a verdade, a sinceri-*

dade do coração e da consciência (Nietzsche).

Dioniso é curado e purificado da mania por sua avó: Cibele. Outro nome da grande mãe Réia, a terra. A Grande Mãe da Frigia (terra onde foi criado Dioniso para fugir da vingança de Hera) é uma potência diferente da grega. É a energia encerrada na terra; fonte ctônica primordial de toda fecundação. Seus símbolos são o leão, o pandeiro, a dança e sua teologia é um misto de barbárie, sensualidade e misticismo.

A Mãe que acolhe Dioniso e o purifica de sua mania é aquela que chega com seu cortejo de tamborins, de flautas e de *órgia* (palavra da família *ergon*, trabalho em torno dos altares dos deuses). Dioniso, de novo dono de sua razão, aprende as cerimônias. As festas orgiásticas são uma entrada na embriaguez, os cantos, a loucura, a excentricidade, as máscaras ou fantasias, a perda de todo controle racional. E, por outro lado, uma espécie de retorno à fonte, de caída nas forças elementais da vida, sob o desgaste e a insipidez do cotidiano, do educado, da urbanidade. Presidem as festas de sementeira, de colheita e as vindimas. Simbolizam o violento desejo de mudança mas, **se forem vulgarizadas por um desejo de fugir da trivialidade, levam a uma trivialidade ainda mais profunda - a da vida meramente instintiva**, onde não há mais criação possível; apenas a compulsão da repetição sem mudança. As *órgia* são essas forças de dissolução da personalidade, a regressão em direção às formas caóticas da vida, uma submersão da consciência no magma do inconsciente.

Dioniso aparece, então como duas potências que podem ser procla-

madras no ágora, à luz do dia e apresentadas como duas estátuas absolutamente idênticas. Só o nome as distingue: Lúsios ou Bakkeios - o deus das cerimônias báquicas, deus do delírio - e Kadmeios - potência das cerimônias que libertam e purificam, purificação na própria loucura mas, que é antes, **conhecimento da impureza na violência de um delírio que exige ser purificado**. Lúsios e Kadmeios: duas estátuas, duplos idênticos que uma só voz vem chamar, cada um por sua vez e atribuir rosto aos dois pólos da mesma potência tão perfeitamente mascarada.

Dioniso precisa ser reconhecido por sua qualidade de potência divina, ao menos no mundo dos homens. Ele sabe e conhece a humilhação de ser um deus que é tratado como simples mortal, quando não o acusam de impostor. Ele reúne, no paradigma de sua história divina, os elementos essenciais da experiência religiosa que ele introduz no mundo dos homens sob o signo do Estrangeiro/Estranheza: loucura-infâmia e purificação.

Dioniso, o deus epifânico por excelência, quer se apresente sorrindo ou salte irritado, sempre se apresenta sob a máscara do estrangeiro, o deus que vem de fora. Ele vem de Outro lugar (da Frigia, onde foi criado). É uma forma que propõe um enigma, uma potência desconhecida para identificar. Existe nela algo de divino mas, um divino que é diferente do que é próprio aos deuses helênicos. Diferente porque, em sua face, há algo de estranho, estrangeiro. Para os gregos Kséno tem o duplo sentido de estranho e estrangeiro e esta condição marca profundamente a personalidade de Dioniso: **- é sempre um estrangeiro, uma forma para ser identificada, um rosto para ser descoberto, uma máscara que**

tanto o esconde quanto o revela. Estrangeiro é um dado estrutural da divindade de Dioniso e não é de admirar que ela apareça com mais força na região e na cidade que lhe são familiares. **E quanto mais próximos de seu nascimento estão os que o ignoram, mais forte se torna sua necessidade de ser reconhecido e mais exacerbada se torna sua violência na epifania.**

Dioniso, vindo como estrangeiro, requer um tipo de relacionamento social que parece exigir o estrangeiro grego: a relação interindividual, a hospitalidade privada de um anfitrião, quer seja este um camponês ou um senhor da casa real. É, com efeito, um simples cidadão em sua privacidade, que se encarrega de acolher e de proteger um estrangeiro em trânsito. Este é o próxeno (anfitrião do estrangeiro), que Dioniso escolhe como companheiro.

MANIA: UMA PROBLEMÁTICA DA EXISTÊNCIA

A descrição feita pelo DSM-4 remetem à psiquiatria que examina a doença mental do ponto de vista estritamente empírico e voltado apenas para o tratamento farmacológico. Os excertos retirados das idéias de Binswanger apontam para mais além da doença e colocam a mania como uma problemática da existência.

Ao olharmos mitopoeticamente a psicopatologia estamos assumindo que ela é “o sofrimento da alma *in extremis*” (Hillman) e que este sofrimento faz parte da existência da vida psíquica. O mito e a ciência apontam a mania como excesso. Tanto no mito como na ciência o excesso é rechaçado e encarado como perigo ao instituído e como ameaça,

quer a indivíduos ou a grupos e culturas.

Mas Dioniso é apresentado como duas estátuas absolutamente idênticas. Só o nome as distingue: Lusios (deus do delírio) e Kadmeios (deus da libertação e purificação), “duplos idênticos que uma só voz vem chamar, cada um por sua vez e atribuir [nome] aos dois polos da mesma potência tão perfeitamente mascarada.”(Detienne)

Negar-se a Dioniso - Deus do excesso - implica em incorrer em sua vingança, tornar-se seu escravo e matar os filhos no delírio maníaco. E a mania, embora apareça com a aura da vitória e do triunfo, de ardente festividade, é apenas o simulacro das órgias. É a caída na trivialidade mais profunda - a do puro ato irrefletido. Não há, na mania, esse dobrar-se sobre si mesmo, próprio do re-fletir que nos é dado pelo espelho. A mania acomete àqueles que estão separados de si mesmos e dos outros, àqueles demasiadamente centrados em si mesmos, àqueles que se vêem incapazes de acolher a diferença, o novo, trazido pelo estranho/estrangeiro. Assumem, então, Hera como potência de vingança, de impedimento. Resta a atuação maníaca, abandona-se a possibilidade da consciência das virtualidades e tudo fica reduzido a um irritado fazer sem nenhum sentido, embora mascarado de toda potência; um fazer que não conhece nenhum lugar para onde ir, porque aboliu a noção de pertencimento a qualquer lugar. Para este não reconhecimento de Dioniso como potência de vida, é que a mania sobrevem como doença.

A velocidade impressa na vivência maníaca fala da abolição do tempo: mania como movimento no presente, nenhuma historicidade, mundo

temporo-espacial sem limites... Mas, Dioniso é filho de Zeus na forma de serpente. E todas as vezes que Zeus se transforma em serpente está fixando o movimento retrogradado que assinala a passagem de uma era para outra. Zeus, enquanto serpente, é o Tempo sem Velhice, tempo de transformação. E Dioniso, filho de Zeus serpente é o Deus eternamente jovem, eterna transformação.

O que aparece na mania como autoestima inflada ou grandiosidade é o simulacro da abolição do tempo e do limite. E, por ser um simulacro e não uma verdadeira aceitação da perda dos limites da consciência egoica exigida pelas cerimônias báquicas, é que a excessiva irritabilidade se instala ao mesmo tempo que a festividade. O que se fixa na vivência maníaca é a potência dionisiaca, apenas como Lusios; é a impossibilidade de viver a sequencia tempo-espaco racional justamente porque não consegue reconhecer a potência de Kadmeios.

Não é a fixação no tempo que assinala a passagem para a transformação; trata-se de outro gêmeo idêntico, difícil de distinguir: a fixação no tempo-espaco de reino da Grande Mãe, apenas no seu aspecto de doadora e alimentadora.

“Esta fornece ao *puer* uma dose excessiva de suprimento energético e, reforçando alguns traços dele, exige que se comporte como filho dependente.

Quando a mãe se apodera desses traços, leva-os ao extremo. A reflexividade do *puer* torna-se devaneio ineficaz; ... até mesmo a eternidade, em vez de ser um aspecto dos acontecimentos, é o modo pelo qual a consciência *puer*... é distorcida pelo tempo e até por uma negação das coisas temporais. ... O aspecto extático no

homem possuído pelo duplo arquétipo da mãe e filho afasta-o ainda mais das inibições de ordem e limite impostas pelo pai. Êxtase é uma das maneiras da Deusa seduzir o puer. ... Ao superar os limites, a consciência do puer sente que vence o destino que impõe e é o próprio limite.” (Hillman, 1981)

O que se propõe quando se nega Dioniso como potência libertadora ou se coloca sua potência como algo a ser cuidadosamente ordenado - já que é “intrinsecamente hostil aos valores da cultura” - é enjeitar ou matar a criança, isto é, “a eterna criança presente no homem, ... uma incongruência, uma excepcionalidade (CW 9, #300). Enjeitar o que a psicologia chamou de condições regredidas da psique e que deveriam ser reexaminadas para que alcançassem a devida maturidade, porque “suas formulações são imaturas, com um toque patético; o comportamento regredido e a ambição invencível e vulnerável ao mesmo tempo”(Hillman, 1981 p.34). Quando nos negamos à criança e colocamos suas formulações apenas como condições patológicas, estamos negando uma das características básicas contidas no ser criança: *a futuridade*. No entanto, o doentio é tentar abandoná-la porque “a volta da criança não se dá, apenas, nos fragmentos lembrados da infância: *tudo o que volta do inconsciente, volta jovem*. Tudo entra num estado juvenil pois às portas do jardim e dos porões da mente não é somente um censor, uma espada de fogo ou Cérbero que estão postados. Ali também se encontra uma criancinha ocupada em imprimir em tudo o que atravessa aqueles umbrais a magia de sua infância”(Hillman, 1981, p35).

Ver na criança apenas o *puer aeternus* que se recusa ao pai e à sua lei para ficar nos braços da Grande Mãe instintiva, é negar uma forte ligação

de Dioniso com seu pai - o Tempo sem Velhice - que o gestou na coxa depois da morte de sua mãe. A Grande Mãe devoradora não requisita seus filhos apenas para dificultar-lhes seu caminho heróico, mantendo-os em seu ventre instintual, como oposição à lei e ordem paternos. Ela também pode ser a portadora de um aspecto *senex* petrificador que sirva para o impedimento de novas leis e ordens de vida. Ela nunca pode perdoar Zeus por tê-la traído, ter preferido a mínima diferença que, mais tarde, permitiu aos homens o acesso à vivência da divindade, trazida a eles pelas mãos de Dioniso.

Negar-se às cerimônias báquicas, a penetrar no magma do inconsciente, à regressão às formas caóticas e primaveris da vida que são as órgias, é resignar-se à mania. Querer amadurecer ou civilizar essa criança é negar-se à futuridade. Zangar-se, talvez não seja algo referente à intencionalidade, temporalidade e espacialização da existência. A irritabilidade presente na mania talvez venha a ser a necessária manifestação de uma forma de existência que não visualiza nenhuma possibilidade de renovação, justamente por aceitar, apenas, as intenções, tempos e espaços delimitados.

Outra referência muito comumente associada aos episódios maníacos é que estes seriam uma defesa contra a depressão. São chamados de maníaco-depressivos e, mesmo quando a depressão não ocorre, continuam a ser considerados como episódios bipolares. No entanto há episódios que não redundam em depressão e nada faz supor em evoluções melhores ou piores quando a depressão não ocorre. O que parece ocorrer é uma defesa egoica contra a entrada nas potências do excesso. Não se

trata apenas de uma defesa contra uma profunda dor mas, também, uma defesa contra um profundo prazer; defesa contra o além da medida, do civilizado métron. Aceitar, hospedar, reverenciar a embriaguez remete à des-ordem, à des-medida; remete à aceitação que à vida não falta nada, desde que se hospede a vida.

E a vida que exige hospedagem contém um Dioniso purificado pela Grande Mãe não apenas no seu aspecto instintivo e regressivo ao qual ela vem associada. A Mãe que chega com seu cortejo de tamborins, flautas e órgia não se trata da Grande Mãe da vida natural, mas de uma potência portadora de bens culturais que não passam necessariamente pelas leis do Pai. Talvez tenhamos que ver Dioniso, também, associado à Mãe, Deusa Tríplice frígia (mais antiga que a intronizada pela polis grega) Senhora da Vida, da Morte e da Justiça e que continha em si as matrizes da regeneração da vida. Talvez tenhamos que repensar a oposição paradigmática, vida instintiva - dada e mantida pela mãe - versus lei e ordem - pertencentes ao âmbito do pai - e introduzir a pequena diferença que é proposta pela Justiça, poder ver também a existência de Themis, esposa de Zeus.

Bibliografia:

CALASSO, Roberto - *As Nupcias de Cadmo e Harmonia*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

CHEVALIER, J. e Gheerbrant, A. - *Dicionário de Símbolos*. Barcelona: Editorial Herder, 1988.

DSM - 4 - *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* - Quarta Edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

DETIENNE, Marcel - *Dioniso a Céu Aberto*. RJ: Jorge Zahar Editores, 1986.

Diversos Autores - *Études Psychiatriques*. Paris, Ed Desclées de Brouwer, 1954.

GRAVES, Robert - *Los Mitos Griegos*. Madrid: Alianza Editorial, 1985.

HILLMAN, James - *Estudos de Psicologia Arquetípica*. RJ: Ed Achiamé, 1981. - O Mito da Análise. RJ: Paz e Terra, 1984.

JUNG, Carl Gustav - *Obras Completas*, vol IX/1. Petrópolis: Ed. Vozes, 1982.

NIETZSCHE, Frederico - *Origens da Tragédia*. Lisboa: Guimarães Editores, 1995.

SISSA, Giulia e DETIENNE Marcel - *Os Deuses Gregos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

TOUCHARD, Pierre Aimé - *Dioniso o Amador do Teatro* - São Paulo, Cultrix, 1978.

Nota: As histórias sobre Dioniso foram recolhidas e escritas como uma colagem de textos. As aspas requeridas pelo rigor acadêmico não foram colocadas conforme os cânones. O texto foi composto como uma mistura de todos eles, segundo um recorte necessário ao tema, embora, às vezes, tenham sido utilizadas frases inteiras e literais. Todos os autores consultados constam da bibliografia.